O sanatório Meduna e a invisibilidade do louco nas matérias do jornal *O Dia*[1]

Camila Fortes Monte FRANKLIN[2]
Ana Regina Barros RÊGO[3]

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Resumo

O artigo em questão consiste em uma análise das matérias jornalísticas do jornal *O Dia* no mês de abril de 1954, referente ao mês de inauguração do sanatório Meduna, instituição de modelo manicomial fixada em Teresina - Piauí, responsável pela internação psiquiátrica de mais de 100 mil pessoas com transtornos mentais, usuários de drogas, prostitutas, alcoolistas, moradores de rua, entre outros, no período de abril de 1954 a maio de 2010. Este trabalho tem como objetivo identificar tanto a invisibilidade do louco quanto a visibilidade do sanatório Meduna, a fim de perceber o protagonismo dos sujeitos envolvidos. Além disso, a pesquisa busca compreender a construção do imaginário da loucura na época e perceber os discursos utilizados.

Palavras-chave: sanatório; loucura; discurso; jornalismo; história.

Introdução

Desde que o ser humano passou a viver em sociedade, aquilo que hoje é denominado por "loucura", passou a ser visto com maus olhos. Essa mesma sociedade jogou à margem as primeiras evidências sobre o ser "anormal", descartando esses indivíduos que incomodavam e não eram considerados aptos ao convívio social. Ao longo dos anos e séculos, essas pessoas foram vistas por dois extremos: desde uma manifestação da racionalidade - onde estes sujeitos decidiam os julgamentos, guerras, realizavam casamentos e definiam as leis de uma região -, até haver de fato sua segregação social.

Ao passar dos anos essa lógica é rompida, quando a partir da falta de afinidade desses indivíduos com a adequação social, passam a ser enquadrados como “porta-vozes do

[1] Exemplo: Trabalho apresentado no GT Historiografia da Mídia integrante do 5º Encontro Nordeste de História da Mídia. Este artigo é um excerto do Trabalho de Conclusão de Curso em que foram analisados o Jornal O Dia e O Piauí.

[2] Jornalista. Mestranda em Comunicação pela UFPI. Pesquisadora do NUJOC. email: camilafortesmonte@gmail.com

[3] Jornalista. Doutora em Comunicação. Coordenadora do NUJOC. Orientadora do trabalho. Email: anareginarego@gmail.com

demônio". Com o surgimento de uma medicina específica de saúde mental, a loucura se torna produto de pesquisa e entendimento médico, dentro de suas variáveis e seus diversos conceitos. A partir disso, os processos de segregação dessas pessoas já acontecem de forma gradual. É importante destacar que a história da psiquiatria é marcada por diversas manifestações de tortura, desde a retirada de órgãos, incisões, banhos em água muito fria ou muito quente e entre outras formas de manipular direta ou indiretamente o cérebro daquele indivíduo "anormal".

Assim surgem os manicômios, instituições de modelo "assistencial" que tem o objetivo de acolher, tratar e reinserir esses sujeitos da sociedade. Contudo, o que podemos visualizar dessas instituições se baseia em uma completa segregação que exclui, esconde e anula qualquer possibilidade de reinserção desses indivíduos, afastando-os de seus direitos como cidadão; de contatos familiares, sociais, profissionais; e os impossibilitando de criar qualquer expectativa de vida. Assim sendo, compreendendo a importância do sanatório Meduna para Teresina e para o Piauí, foi possível realizar esta pesquisa analisando as matérias publicadas em abril de 1954, pelo jornal *O Dia*, e referentes ao mês de inauguração do Sanatório Meduna; com a finalidade de identificar, tanto a invisibilidade do louco quanto a visibilidade do sanatório Meduna, a fim de perceber o protagonismo dos sujeitos envolvidos.

Desse modo, este artigo se estrutura da seguinte forma: na primeira parte, construímos a ideia do imaginário simbólico em relação ao louco na sociedade, desde a origem das primeiras evidências do louco e da loucura até a construção desse perfil nos dias atuais. Em seguida, trazemos uma compreensão da loucura simbólica a partir da invisibilidade do louco na sociedade, percebendo as origens do estigma e do preconceito envolvendo essas pessoas, bem como trazemos o questionamento sobre quem produz essa percepção coletiva do louco como um sujeito perigoso, imprevisível e incapaz de responder por suas ações e por seus direitos.

Na terceira parte, começamos a contextualizar a pesquisa em si: trabalhamos a visibilidade do sanatório Meduna, instituição de modelo psiquiátrico onde houveram mais de 100 mil internações durante seus 56 anos de funcionamento e que, majoritariamente, foi posto pela mídia da época como um dos maiores patrimônios do estado e colocando seu idealizador como um heroi, responsável pela "cura" de todos os "doentes mentais". Em seguida, fazemos uma breve contextualização do método de Análise de Discurso

desenvolvido por Maingueneau (1997) e Bakhtin (2010), a partir do pensamento de que o discurso em si é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, é uma análise contextual da estrutura discursiva. Por fim, relacionamos todo o aparato e as informações encontradas com o histórico do jornal *O Dia*, para em seguida, passarmos para a análise em questão.

Loucura na Sociedade

A construção do perfil da loucura se deu a partir do incômodo da sociedade com os indivíduos considerados "anormais". Estes, por sua vez, nos diversos momentos da história da humanidade, foram recolhidos com o propósito de ocultar e esconder sua existência, sendo realocados em locais fechados e afastados do convívio social. Esses locais tinham o propósito de curar essas pessoas da loucura e adequá-las novamente à sociedade, bem como substituir todas as possibilidades de interação social por determinações internas, tornando esses locais como espaços de realidade única e absoluta.

Na Idade Clássica, o louco possui uma sentença e uma visão indefinida, encontrando-se ora ameaçador, ora inofensivo, ora sujeito de pesquisa, ora indivíduo esquecido. É sempre perdoado, porém, isolado. Deste modo, Michel Foucault em *A História da Loucura* (1972), mostra essa indefinição que acontece ao passar dos séculos:

> Nisso consiste, sem dúvida, o paradoxo maior da experiência clássica da loucura; ela é retomada e envolvida na experiência moral de um desatino que o século XVII proscreveu através do internamento (...); Colocada sob o signo de todos os desatinos menores, a loucura se vê ligada a uma experiência ética e uma valorização moral da razão; mas, ligada ao mundo animal e a seu desatino maior, ela toca em sua inocência monstruosa (FOUCAULT, 1972, p. 161).

No século XVIII surge uma reflexão a respeito da loucura e vegetação do sujeito. A partir disso, a possibilidade da medicina adentrar nas decisões e resultados sobre a sanidade mental, permite pela primeira vez um contato direto entre médico e pessoa com transtorno mental, desenvolvendo uma conjuntura objetivamente decisiva para a medicina adentrar o universo da loucura. Nesse contexto, o médico atua para proteger a sociedade desses sujeitos moralmente “impuros” e não para curá-los de possíveis doenças, deixando claro o interesse dos mesmos em estudar esses indivíduos pelo medo e pelo simbolismo do impuro

que o século XVII tanto pregava em suas paredes morais e religiosas, e não pelo progresso dos estudos da medicina a respeito de um indivíduo com transtorno mental.

O louco, neste momento, aprisionado juntamente com leprosos, negros, pobres, presidiários, andarilhos, esquizofrênicos, mulheres adulteras, e todo e qualquer indivíduo que não seguissem as normas impostas, se difere destes pelas suas características. Esta passagem se certificará da necessidade de surgir a mudança de lar. O louco não é mais confundido com bandidos e assassinos ali internados, pois é fraco de saúde, desprovido de sanidade mental e deve possuir um lugar que não seja mais o internamento. A partir disso um novo lugar é desenvolvido para o louco: tratando-se de uma doença, um hospital especializado, ou seja, uma casa dos loucos.

O hospital dos loucos agora deixa de ser apenas um local de confinamento onde essas pessoas podem viver livremente. Além disso, passa a possuir dentro de seus regimentos e normas a necessidade da cura pela razão, pois agora nos cuidados da medicina, passa a ser residência experimental e constatável da sabedoria psiquiátrica. Dessa forma, a medicina estabelece e desenvolve a própria razão através da exclusão desses sujeitos da natureza do mundo, querendo que através desses métodos a loucura seja conduzida à verdade única no homem que é seu estado puro racional, moral e natural.

O fato é que a percepção e o laudo sobre a loucura só podem ser dados por um *são*. Assim, a instituição referente aos loucos se impõe, classifica, divide e delimita a condição social do indivíduo, ocorrendo o que Goffman (1961) classifica como a “mortificação do Eu”, no qual o sujeito abalado pelos processos do despojamento da instituição, torna pelo sistema de privatização, gerar uma reorganização pessoal através de um sistema de privilégios, ou seja, um conjunto de prescrições e proibições quanto à conduta desses pacientes dentro das instituições, o envolvimento desses sujeitos internos em trabalhos não-remunerados ou mal remunerados em troca de pequenos privilégios dentro dessas instituições, e a punição aos que descumprirem ou irem contra as normas internas.

Esses locais de supostas reabilitações sociais que, ao invés de tratar o paciente, tornam por apagar o papel social do indivíduo, realocando-o em um falso cenário da sociedade, fazendo com quando esse indivíduo saia da "reabilitação" haja um fracasso em acompanhar as mudanças sociais do mundo externo à instituição, o tornando incapaz de enfrentar alguns aspectos diários da vida. Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (1975)

descreve como essas instituições totais mortalizam a identidade do indivíduo, agravando em muitas vezes sua condição mental e impossibilitando uma ressocialização do mesmo.

> O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório, visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena (FOUCAULT, 1975, p. 15).

Para a sociedade do século XXI, a visão sobre essas pessoas ainda permanece majoritariamente negativa, pois a pessoa com transtorno mental é considerada um ser irracional, agressivo, violento, imprevisível e incapaz de viver em comunidade. Para Melman (2001), a sociedade atual não está preparada para o desafio de acolher e cuidar das pessoas acometidas por transtorno mental grave, pois ainda predomina a visão preconceituosa em relação à doença mental, o que continua propiciando uma exclusão e marginalização dessas pessoas que necessitam de atenção psiquiátrica.

Dessa forma, é visível que mesmo com as modificações que vem ocorrendo na assistência psiquiátrica brasileira nas últimas décadas, ainda são poucos os serviços de saúde mental no Brasil que, além de dar a assistência necessária à pessoa com transtorno mental, também ofereça apoio para as famílias dessas pessoas, a fim de prepará-las para dar continuidade a reabilitação e a uma segurança na reinserção social do mesmo. Para dar continuidade à pesquisa, se faz necessário uma contextualização com a invisibilidade do louco e as marcas desse estigma na sociedade.

Invisibilidade do louco

A sociedade do espetáculo denominada pelo escritor francês Guy Debord (1997) potencializa o “cogito” de Descartes, "Penso, logo existo", para uma nova teoria de vida caracterizada pelo raciocínio do “Sou visto, logo existo”. Diante dessa reflexão desenvolvida pelo escritor, a visibilidade toma forma de produto de pesquisa e orienta para inúmeros questionamentos acerca dos sujeitos invisíveis da sociedade. Muitos sujeitos existentes na sociedade moderna são vítimas do poder da opressão, do abandono e da indiferença da própria sociedade.

Nesse sentido, a invisibilidade gera um isolamento dos sujeitos estigmatizados, originado de atitudes impregnadas de preconceitos e/ou indiferença. Deleuze (1992) desenvolve uma teoria fundamentada nas sociedades disciplinares baseada nas "sociedades de controle", que visualizam uma sociedade disciplinar, porém baseada no controle social em relação a todo o processo da vida de cada indivíduo. Dessa forma, as instituições de confinamento e os meios de controle são moldagens as quais toda a sociedade tem o dever de seguir.

Nesse pensamento, o controle deixa de se tratar de uma esfera local, incluindo os espaços fechados das instituições, para se referir a todos os campos da vida social dos indivíduos de uma sociedade. A partir do controle do ser individual através do poder, se é compreendido que esse poder também parte da própria sociedade desde os primeiros estudos acerca da loucura. Dessa forma, o louco é escondido e esquecido, se tornando um sujeito invisível, criado pela percepção coletiva que não só os cria como também os transforma e os acrescenta de preconceitos e equívocos criados através de outros conceitos sociais antes originados.

Todas essas ações se configuram como um reflexo do preconceito e do próprio estigma que abala diretamente a pessoa com transtorno mental, dificultando a quebra dos paradigmas e tornando cada vez mais distante a possibilidade de aceitação e convívio com outras pessoas. Essa percepção coletiva é criada por vários agentes: médicos, sociedade e, principalmente, instituições. Fato interessante observado nesta pesquisa é que, ao ritmo que a pessoa com transtorno mental é afastada da representatividade das matérias jornalísticas analisadas, a instituição toma esse protagonismo para si, exaltando seus feitos e sua capacidade de “curar doentes”.

Visibilidade do sanatório Meduna

O método de afastamento e encarceramento da pessoa com transtorno mental aconteceu em diversos lugares do mundo. No Piauí, esse período de formação e consolidação de um sanatório especializado, era necessário partindo do princípio de que a maior preocupação era se obter um destino para os andarilhos que vagavam nas ruas e que eram atendidos pelas Casas de Misericórdia, as quais não tinham o objetivo de tratar especificadamente "doenças mentais", mas que funcionava como um hospital geral. Sendo assim, era preciso isolar esses indivíduos aos olhos da sociedade, além de evitar qualquer

tipo de risco que viesse a ocorrer pelo "desequilíbrio" dessas pessoas que, ao ficarem nas ruas sem acolhimento, se tornariam ameaças à sociedade.

A partir disso, as pesquisas ampliaram-se para uma nova forma de conhecimento e de prática assistencial à saúde mental, tendo em vista o avanço da medicina psiquiátrica e sua necessidade de acompanhamento do estado. Pensando nisso, surge em homenagem ao médico húngaro Ladislau Joseph von Meduna, o sanatório Meduna (1954-2010) idealizado e construído pelo Dr. Clidenor de Freitas Santos (1913-2000), sendo experiência pioneira e referência no tratamento de doenças mentais, considerados pela psiquiatria da década de 50 como "indivíduos portadores de afecções nervosas dos grupos das neuroses e psicoses".

Sanatório Meduna

O sanatório Meduna ficou conhecido por trazer o que há de mais novo para tratamento das doenças mentais. Os métodos até então reproduzidos pelo Dr. Clidenor de Freitas foram postos em prática durante décadas de funcionamento, incluindo a eletroconvulsoterapia (eletrochoque), insulinoterapia, malarioterapia e entre outras formas consideradas na época como métodos de cura. O sanatório que era constituído de 3.356 metros quadrados às margens do Rio Poty, 8 pavilhões ligados por aleias cobertas, 2 imensos pátios, 1 edifício com 2 andares e 120 leitos, trouxe o que havia de mais inovador no tratamento dos doentes mentais da época. O sanatório Meduna foi considerado por Oliveira (2011) o único hospital psiquiátrico a se estabilizar. Clínicas particulares e conveniadas na psiquiatria não obtiveram êxito, fazendo assim com que os hospitais Areolino de Abreu e Meduna fossem responsáveis por internar toda uma população necessitada da capital e de cidades próximas como nos interiores e nas capitais do Maranhão e Ceará.

O sanatório se manteve sendo referência no atendimento psiquiátrico do estado e do país. Nos anos 2000, o Meduna manifestava sinais de que passava por dificuldades na manutenção de sua capacidade financeira, administrativa e gerencial, afetando diretamente a assistência à população. Nesta época, o sanatório Meduna se encontrava em situações deploráveis de assistência à saúde mental: estrutura física deteriorada, banheiros com vazamentos e infiltrações, refeitórios sujos, pacientes abandonados, pátios poluídos, enfim, numa situação de debilidade grave e desumana. Em 2009, uma denúncia foi feita ao Ministério Público do Estado do Piauí referente à situação deplorável e aos maus-tratos

acometidos, a qual convocou uma audiência pública para que representantes de órgãos responsáveis, autoridades e sociedade pudessem discutir as consequências do fechamento de uma parcela desses leitos.

Ainda no mesmo ano, a direção do sanatório Meduna oficializa o comunicado do fechamento ao MPPI, o qual instaura uma comissão que constata a precariedade do atendimento e funcionamento do hospital. Reuniões e audiências foram realizadas com gestores municipais e estaduais para que houvesse assistência à saúde psiquiátrica dos 200 internos ainda residentes do hospital, porém, o atendimento psicossocial que já era realizado com dificuldades já não daria o suporte necessário a essas pessoas. Desse modo, retomamos a afirmação de que essas pessoas já não são mais responsáveis por suas vidas, que agora, o saber médico-psiquiátrico assume seu protagonismo. Essas e outras observações podem ser visualizadas na análise do trabalho, desenvolvida a partir dos conceitos de análise de discurso.

Análise de Discurso

Ante as características visualizadas nos discursos do jornal *O Dia*, serão analisadas as matérias de abril de 1954, referente ao mês de inauguração do sanatório Meduna. O método utilizado para a pesquisa é o de Análise de Discurso, considerando que há diversas construções ideológicas a respeito do sanatório Meduna que, através do método em questão, podemos analisar com mais profundidade. Maingueneau (1996) compreende a Análise de Discurso como uma disciplina que visa articular sua enunciação com um determinado lugar social, ao invés de conduzir uma análise meramente linguística do próprio texto ou a uma análise sociológica ou psicológica do seu contexto.

O autor compreende o discurso como uma interrelação dinâmica entre as práticas sociais e práticas de linguagem, a qual engloba as ações comuns à sociedade, que se modificam e se realimentam constantemente. Sendo assim, usaremos na pesquisa em questão os conceitos de *Ethos*, descrito por Maingueneau (1996) como uma característica de qualquer discurso que

> [...] implica uma certa representação do corpo do seu responsável, do enunciador que assume a responsabilidade desse discurso. A sua fala participa de um comportamento global (uma maneira de se mover, de se vestir, de se relacionar com os outros...). Atribui-se-lhe, assim, um carácter, um conjunto de traços psicológicos

> (jovial, severo, simpático...), e uma corporalidade (um conjunto de traços físicos e forma de vestir). (MAINGUENEAU, 1996, p. 46).

Outro conceito que utilizaremos é o de *Polifonia*, definido por Bakhtin (2010) como a "multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes" sem que nenhuma seja dominante. O conceito de "Polifonia" se inscreve na problemática da heterogeneidade discursiva, visto que é inserida a existência simultânea de inúmeros narradores e narrativas no decorrer da enunciação. Maingueneau motivado por Bakhtin (2010) afirma que o indivíduo que fala e se manifesta como "eu" no enunciado é também aquele que se responsabiliza por esse enunciado. Para o autor, essa noção de "responsabilidade" se diverge em dois caminhos: o primeiro situa-se como fonte de referências enunciativas, onde o enunciado é ancorado na situação de enunciação; o segundo situa-se como responsável pelo ato de fala, legitimando seu enunciado como verdadeiro.

Dessa forma, foram criadas duas categorias a partir da definição dos conceitos: Discurso de Exaltação do Personagem (pelo conceito **ethos)**; e Discurso de Afirmação (pelo conceito de **polifonia)**. Serão analisadas as seguintes matérias do jornal *O Dia*: "O Vitorioso do Meduna" do dia 18 de abril de 1954 e "O Taj Mahal Piauiense" do dia 25 de abril de 1954. Antes de partirmos para a análise, é necessária uma breve contextualização da história do jornal *O Dia* e de suas políticas.

Jornal O Dia

O jornal *O Dia*, fundado pelo professor Raimundo Leão Monteiro, teve sua primeira edição publicada em 1 de fevereiro de 1951. Circulando com apenas 8 páginas compostas em sua maioria por assuntos referentes à política local, na qual a maioria de opinião, concentrava informações sobre os militares da época. Apresentado desde sua primeira edição, o slogan "Órgão independente, noticioso e político" foi definido a fim de deliberar as intenções e os propósitos do jornal, além de definir a linha editorial e seus objetivos de circulação. O jornal não era sustentado por nenhum partido político e isso era um dos fatores para noticiar o que lhes fosse de interesse público.

Fatores como a imparcialidade, objetividade, empenho em produzir material jornalístico e se manter sem interesses partidários, também eram princípios da ética do jornal *O Dia*. Em situações onde uma matéria naturalmente seria político-partidária, o

jornal *O Dia* reforçava seu discurso apartidário a fim de impor aos leitores sua linha editorial e seus princípios. Vale ressaltar que neste período entre 1951 e 1954, começa a ser demandado ao jornalista escritor do jornal *O Dia*, um distanciamento da sua filiação partidária ao escrever uma matéria jornalística como uma regra básica de redação a fim de seguir as normas éticas e atribuições do jornal. O jornal *O Dia* segue em pleno funcionamento até hoje.

Nas duas notícias do jornal *O Dia* analisadas identificamos 5 discursos dentro da categoria Discurso de Exaltação do Personagem e 4 na categoria Discurso de Afirmação. A categoria de discurso de exaltação do personagem que se dá através do conceito de *ethos*, o qual foi percebido no enunciado do jornal *O Dia* impresso no dia 18 de abril de 1954, com o título "O Vitorioso do Meduna", escrito por J Fernandes do Rêgo. Nos enunciados de 1 a 3 a seguir, fica visível o engrandecimento do poder psiquiátrico referente ao médico fundador do hospital Dr. Clidenor de Freitas e da instituição como um "milagre" para Teresina.

No enunciado 1, Clidenor de Freitas é visto como "gênio" e que apesar das dificuldades para a construção do Sanatório, se manteve firme com o auxílio de outros poderes. Como se pode perceber no texto, o médico é o único responsável pelo feito da instituição, recebendo o único mérito e engrandecendo seu patrimônio a partir das notícias publicadas durante o mês de inauguração. Pode ser notado também que Clidenor de Freitas na época na construção do sanatório - o qual durou 10 anos - enfrentou dificuldades de aceitação por parte da sociedade e consideração por parte do sistema político da época. Neste enunciado, as marcas discursivas "milagre", "portentoso" e "gênio", se enquadram no discurso de Exaltação do Personagem.

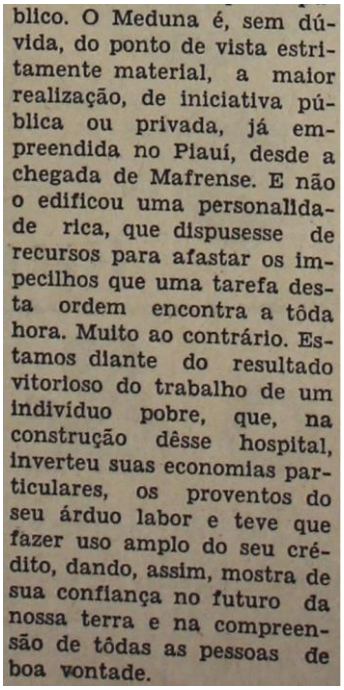
Enunciado 1:

> "A resposta do mago oriental explica, de modo bastante razoável, o milagre que representa, em nosso meio, a construção do Sanatório Meduna, portentoso monumento arquitetônico, erigido pelo gênio de Clidenor de Freitas Santos que, mesmo rodeado da descrença de muitos, da indiferença de tantos e da má vontade de não poucos, não cedeu um milímetro do ideal que o abrasa de servir a nossa terra, recuperando braços e inteligências para ajudarem no trabalho em prol do seu engrandecimento" (*O Dia*, 18 de abril de 1954, p.1)

No enunciado 2, fica visível o marco que o sanatório Meduna realizara no Estado. Neste ponto, é reforçado o discurso da coragem de Clidenor de Freitas na construção do hospital que, "na confiança no futuro" investiu suas "economias particulares"

no novo empreendimento. Também fica evidente a importância da construção de um hospital psiquiátrico para a população de Teresina e do Piauí, considerando que pessoas imigravam dos estados próximos como Maranhão e Ceará para realizarem tratamento psiquiátrico na instituição. Termos como "resultado vitorioso" e "maior realização" revelam um discurso polifônico, contemplando a categoria de Discurso de Afirmação.

Enunciado 2:



blico. O Meduna é, sem dúvida, do ponto de vista estritamente material, a maior realização, de iniciativa pública ou privada, já empreendida no Piauí, desde a chegada de Mafrense. E não o edificou uma personalidade rica, que dispusesse de recursos para afastar os impecilhos que uma tarefa desta ordem encontra a tôda hora. Muito ao contrário. Estamos diante do resultado vitorioso do trabalho de um indivíduo pobre, que, na construção dêsse hospital, inverteu suas economias particulares, os proventos do seu árduo labor e teve que fazer uso amplo do seu crédito, dando, assim, mostra de sua confiança no futuro da nossa terra e na compreensão de tôdas as pessoas de boa vontade.

(*O Dia*, 18 de abril de 1954, p.1)

No enunciado 3, permanece a exaltação do médico criador do sanatório e de seus feitos na ciência e na técnica psiquiátrica, descritas como "padrão" para toda a classe médica assistencial. Assim, os enunciados reforçam o protagonismo da medicina como única e legítima, onde, dominam toda a representação e relevância do cenário da assistência à saúde mental do estado.

Enunciado 3:

> O vitorioso do Meduna é de um raro tipo de indivíduos que sendo essencialmente modernos por estarem senhores de tôdas as conquistas da ciência e da técnica - como o prova o Sanatório Meduna, padrão para todo mundo médico - são possuidores das mais rígidas virtudes antigas, no seu respeito a palavra, na sua dedicação à terra natal, na sua lealdade aos amigos e no seu amor à família (*O Dia*, 18 de abril de 1954, p.3).

No dia 25 de abril de 1954, após a inauguração do sanatório Meduna, o jornal *O Dia* publica a notícia de capa "O Taj Mahal Piauiense", escrita também por J Fernandes do

Rêgo. Nesta matéria, composta pelos enunciados 4, 5 e 6, se configura em uma comparação entre o sanatório e o monumento Taj Mahal, na Índia, se referindo a sua grandeza arquitetônica, ao "idealismo de um visionário", a "vontade férrea de um homem pela paixão de servir a sua terra".


O Taj Mahal Piauiense
J. Fernandes do Rêgo

(Título da reportagem, 25 de abril de 1954, capa)

No enunciado a seguir, tanto a categoria de Discurso de Afirmação e Discurso de Exaltação do Personagem se manifestam, considerando que o Sanatório já havia sido inaugurado, permitindo assim, que tanto a sociedade jornalística quanto as pessoas de poder manifestassem suas opiniões. É importante observar que o papel do médico é constantemente exaltado a fim de engrandecer seu mérito, reforçando que na época a construção de um monumento desse porte era bastante rara se não impossível.

Enunciado 4:

> A evocação do Taj Mahal nos veio à memória ao considerarmos a inauguração do Sanatório Meduna, grandiosa iniciativa que demonstra, mais uma vez, o quanto pode a vontade férrea de um homem dominado pela paixão de servir a sua terra e a seus concidadãos. No meio da pobreza piauiense, tendo em conta a pequenez dos nossos recursos, a falta de iniciativa de vulto e o ceticismo que infelizmente já corrói a alma dos nossos coestaduanos, o Sanatório Meduna, com a beleza e a elegância de suas linhas, a amplitude e a perfeição técnica de suas instalações, assume o porte de uma realização planejada e executada por um homem que, embalado no seu sonho, excitado na sua fantasia superou, até quase o infinito, as dimensões do meio em que vive (*O Dia*, 25 de abril de 1954, capa).

No enunciado 5, a construção do sanatório leva a reflexão de outros feitos para a sociedade no que tange aos monumentos da época que, pelo seu desenvolvimento lento, já deixava a desejar nos avanços a assistência pública. É compreensível que na década de 50 o pensamento da cura da loucura se concentrasse em uma só instituição de poder através de determinados métodos, partindo do pressuposto de que era a primeira instituição à saúde mental desse porte, onde, o Asilo dos Alienados (Areolino de Abreu) já havia perdido seu protagonismo e excelência no atendimento psiquiátrico por conta da superlotação, descaso médico etc. Dessa forma, o enunciado 5, através do Discurso de Exaltação do Personagem do médico e do seu poder de cura; do Discurso de Afirmação através da comparação do sanatório Meduna com o Taj Mahal e do reforço informativo da grandiosidade do seu

patrimônio, reafirmam "a tenacidade e o patriotismo do seu realizador", firmando assim, mais um conjunto de enunciados noticiosos que glorifica a sua extensa obstinação.

Enunciado 5:

> Realmente, o Sanatório Meduna não admite paralelo com nenhuma outra iniciativa, pública ou particular, já realizada no Piauí. É um monumento isolado, que esperamos seja seguida de outras realizações do mesmo porte, e que ficará para atestar, perante as gerações futuras, a tenacidade e o patriotismo do seu realizador. O Taj Mahal piauiense, de menor dimensão que o oriental, supera-o, de muito, por ser uma obra concluída com o propósito declarado de servir a humanidade, de contribuir para sua perfeição, de alivia-la nas suas dores, e torna-la, em suma, menos sofredora e mais feliz. Os visitantes do nosso grande monumento arquitetônico não virão expressamente em busca da beleza, como fazem os turistas a que já nos reportamos, mas, encontrarão na harmoniosa concepção que presidiu os planos dessa Casa motivo de alegria para sua inteligência e para sua sensibilidade, além do benefício que recolherão obtendo a cura dos seus males e a plena reintegração no seu meio social (*O Dia*, 25 de abril de 1954, capa).

No enunciado 6, os discursos de Exaltação do Personagem e de Afirmação permanecem, contudo, juntamente, o autor afirma que o único pensamento motivou Dr. Clidenor de Freitas a construir o sanatório consiste no "amor ao Piauí e à sua gente e o desejo ardente de servi-los", ou seja, o autor como um fiador, manifesta um ufanismo naturalizado a fim de justificar a iniciativa do médico ali representado. Podemos compreender que na época da inauguração, marcada por decisões políticas e governamentais, a sociedade já se apresentada descrente com possíveis feitos do estado e de pessoas de poder.

Enunciado 6:

> O idealizador e construtor do Meduna não é nenhum soberano, nenhum potentado, nenhuma personalidade que tivesse os cofres públicos ao comando de suas ordens. É um moço inteligente e decidido, que desconhece a pusilanimidade e a prudência dos fracos. (...) Uma realização dêste porte não requer, apenas, capitais e conhecimentos técnicos, de que outros poderão dispor: exige, também, desprendimento, aspiração de servir a seus semelhantes, capacidade de sacrificar-se na chama de um grande ideal, faculdade, estas sim, que se encontram cada vez mais raras nesta época de comodismo egoístico em que cada um de nós se deixa absorver pelos nossos estritos problemas pessoais. Estamos seguros de que só um pensamento orientou a ação de Clidenor de Freitas Santos, durante os longos anos em que consagrou tôdas as suas horas à edificação dêsse Sanatório: o amor ao Piauí e à sua gente e o desejo ardente de serví-los, pois êste sentimento é sempre o móvel de tôdas as grandes ações como, ainda há pouco mostramos ao recordar que foi a fidelidade ao amor de uma mulher que levou o soberano indiano a construir o Taj Mahal. (...) (*O Dia*, 25 de abril de 1954, capa e p.6).

Dessa forma, o enunciado 6 se apresenta com o intuito de revelar também que as práticas desenvolvidas no estado pelo Dr. Clidenor de Freitas são um reflexo de sua admiração e paixão pelo Piauí e sua gente, afirmando ainda que a sua coragem como

médico especializado em saúde mental que desenvolve um hospital psiquiátrico afirmando curar os doentes mentais, serve de inspiração e base para outros feitos no estado. A partir dos enunciados analisados e dos resultados obtidos, podemos perceber o estigma desenvolvido ao longo dos anos em relação às pessoas com transtornos mentais. Mais detalhes podem ser percebidos nas considerações finais que seguem abaixo.

Considerações Finais

Compreendendo a importância histórica do sanatório Meduna para Teresina e para o Piauí, foi possível realizar uma pesquisa analisando as matérias publicadas em abril de 1954, do jornal *O Dia* referente ao mês de inauguração do sanatório. O objetivo principal da pesquisa se configura em perceber a invisibilidade do louco e a exaltação do médico psiquiatra como protagonista.

Como balanço desse material, identificamos essa ausência de preocupação com a pessoa com transtorno mental, configurado nos enunciados apenas como pessoas com alto índice de sofrimento psíquico e nada além disso. Podemos perceber então uma realidade onde o próprio sujeito protagonista do cenário e contexto em questão, não tem voz, nem mesmo uma representação ou representatividade, nem direta nem indiretamente, se tornando refém da decisão de familiares e principalmente do poder médico e da instituição que irá lhe receber.

Ao desenvolvermos nessa pesquisa uma percepção sobre como o jornalismo piauiense da década de 50, configurado no jornal *O Dia*, visualiza-se um discurso estigmatizador, percebemos que essa falta de visibilidade nas notícias agrava de fato a recuperação e o convívio social das pessoas com transtornos mentais, visto a relevância e o poder do discurso jornalístico para a formação de opinião pública. Percebemos os discursos do jornal *O Dia* sobre a loucura configurada na inauguração do sanatório Meduna, compreendemos como se dá essa percepção geral sobre o louco e sua posição social, colocado à margem desde as primeiras evidências do convívio humano e realocado apenas para posições mais degradantes.

Assim, como resultado dessa pesquisa, identificamos os discursos estigmatizadores do jornalismo na década de 50 e percebemos como esses mesmos discursos retardam o processo de participação social e independência da pessoa com transtorno mental, absorvendo os preconceitos existentes e reproduzindo-os de maneira equivocada.

Esta pesquisa também se constrói a fim de chamar a atenção dos jornalistas e profissionais da comunicação sobre os cuidados ao se construir uma matéria jornalística e se preocupar com a construção do senso crítico da sociedade, desde o momento da escolha da fonte (não anulando os reais envolvidos e seus familiares), a quebra dos preconceitos e estereótipos, a refletir sobre os discursos produzidos em relação às pessoas com transtornos mentais. Também compete ao jornalista a busca pela construção de uma linguagem de fácil entendimento e acessibilidade, visto que a linguagem médica é limitada aos profissionais e a sociedade em geral tem dificuldades de compreensão da mesma.

Do mesmo modo, cabe aos profissionais de saúde aproveitarem os momentos de oportunidade de fala na mídia para apresentar de maneira transparente as questões de saúde mental pública, buscando desmistificar os perfis criados ao longo dos séculos e proporcionar uma melhor participação dos sujeitos envolvidos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Post- Scriptum sobre as sociedades de controle.** Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MELMAN, J. **Família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares**. São Paulo: Escrituras, 2001.